

# A PATEMIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA NA CONSTRUÇÃO DO GÊNERO FEMININO EM “A PEQUENA SEREIA” E “MOANA – UM MAR DE AVENTURAS”

*Janayna Rocha da Silva*

*Orientadora: Ilana Rebello Viegas*

Mestranda

**RESUMO:** A figura da princesa, até os dias de hoje, é capaz de fabricar, no imaginário coletivo, formas de ser mulher, muitas vezes, por meio de moldes femininos estereotipados. Assim, este trabalho apresenta como proposta analisar duas cenas, tomando como investigação um diálogo pertencente ao filme *A Pequena Sereia* (1989) e outro pertencente ao filme *Moana – um mar de aventuras* (2016), totalizando, assim, dois diálogos. Optamos por diálogos de filmes diversos e com um hiato temporal de vinte e sete anos, a fim de traçarmos uma análise comparativa. Ademais, a escolha por filmes classificados como contos de fadas deu-se pelo fato de acreditarmos que essas narrativas são capazes de formar subjetivamente meninas e meninos por todo mundo, devido ao seu grande alcance e apelo emocional. Desse modo, pretendemos examinar o fenômeno linguístico-discursivo da patemização – processo por meio do qual o orador visa provocar emoções em seu interlocutor-, a fim de identificar quais estratégias discursivas foram utilizadas pelas actantes femininas Ariel e Moana e como tais estratégias podem fabricar representações de gênero. A análise se fundamentará na Teoria Semiociológica de Análise do Discurso, postulada por Charaudeau (2007;2015) coadunada aos estudos de gênero de Faria; Nobre (1997). Buscamos, portanto, verificar e descrever o processo de patemização, tendo em vista a sua relação com a representação da identidade feminina.

**PALAVRAS-CHAVE:** Semiociológica, *pathos*, identidades de gênero, filme Disney.

---

## Palavras iniciais

Certa vez, ouvi de uma mulher, em idade adulta, a afirmação de que uma mulher jamais poderia ser feliz se não tivesse um marido. Essa frase me impactou em diversos níveis e, a partir dela, outros pensamentos afloraram em minha mente: Por que algumas mulheres só se consideram felizes se forem casadas? Por que, para algumas mulheres, o não estar comprometida é sinônimo de infelicidade? Como a felicidade pode estar condicionada a um estado civil? Essas perguntas transportaram o meu olhar para as histórias de princesas, pois a figura da princesa é capaz de fabricar, no imaginário coletivo, formas de ser mulher. Berger e Luckmann (1999) *apud* Mira (2017) afirmam que

ser-se mulher e ser-se homem é, sobretudo, um conjunto de papéis e expectativas sociais, fruto de uma construção social, transmitido pelo processo de socialização e eternizado por um conjunto complexo de práticas e mecanismos de (re)produção de uma ordem instituída e fortemente legitimada. (p.15)

Assim, pensando na inegável importância dos filmes, já que são, muitas vezes, o meio mais acessível de consumo de cultura para o grande público, e dos discursos propagados por eles, definimos como *corpus* deste trabalho uma cena que faz parte do enredo do filme “A pequena sereia” (1989) e outra cena que faz parte do enredo do filme “Moana – um mar de aventuras” (2016), totalizando, assim, duas cenas. Como já mencionamos no resumo, optamos por cenas de filmes classificados como contos de fadas, pois acreditamos que essas narrativas são capazes de formar subjetivamente meninas e meninos por todo mundo, devido ao seu grande alcance e apelo emocional.

Ron Clements e John Musker dirigiram ambos os filmes cujas cenas são objetos de investigação deste trabalho e a *Walt Disney Animation Studios* realizou a produção. “A pequena sereia” conta a história de Ariel, uma princesa sereia que está insatisfeita com a vida no mar. Ao se apaixonar por um príncipe humano, a jovem decide fazer um acordo com a bruxa do mar. Pelo acordo, ela entrega a voz à bruxa e, em troca, ganha pernas, tornando-se, então, humana. Já “Moana – um mar de aventuras” conta a história de Moana, uma corajosa jovem, que é filha do chefe de uma tribo na Oceania. Ela vem de uma longa linhagem de navegadores. Ao perceber que a sua ilha está passando por

---

dificuldades e que isso está acontecendo porque o coração de TeFiti, deusa criadora da vida e da natureza, foi roubado pelo semideus Maui, Moana decide enfrentar o mar e ir atrás do coração de TeFiti. Para isso, ela deverá encontrar Maui, convencê-lo a devolver o coração e levá-la até TeFiti. Acompanhada de Maui, Moana começa a sua jornada em mar aberto.

O filme “A pequena Sereia” foi baseado no conto de mesmo nome do autor Hans Christian Andersen, já “Moana – um mar de aventuras” foi baseado em lendas da cultura dos povos do pacífico, como a Polinésia e Nova Zelândia. Contos e lendas são gêneros textuais que trazem em sua constituição o ato de contar. Para Charaudeau (2016),

contar é uma atividade posterior à existência de uma realidade que se apresenta necessariamente como passada (mesmo quando é pura invenção), e, ao mesmo tempo, essa atividade tem a propriedade de fazer surgir, em seu conjunto, um universo, o universo contado. (...) (p.154)

Dessa forma, trata-se de uma atividade humana que ajuda a construir a memória e a visão de mundo do indivíduo que se reveste do papel de “contador”. Destacamos que consideramos ambos os filmes como contos de fadas, já que, segundo Coelho (2003), o conto de fadas “gira em torno de uma problemática espiritual/ética/existencial, ligada à realização interior do indivíduo, basicamente, por intermédio do Amor” (p.79). Quanto à estrutura, o gênero conto de fadas apresenta o actante principal enfrentando grandes obstáculos, passando por diversas tribulações, até alcançar o êxito. Além disso, essas histórias têm a capacidade de provocar diversos tipos de sentimentos em seus leitores/espectadores. As sequências da narrativa envolvem paixões, conflitos, rivalidades e êxito levando-os a experimentar um “final feliz”.

Este trabalho, portanto, pretende pensar como as estratégias discursivas realizadas pelas actantes Ariel e Moana podem ser capazes de legitimar e perpetuar representações de gênero. Para isso, utilizaremos os pressupostos teóricos postulados por Patrick Charaudeau coadunados aos estudos de gênero de Faria;Nobre. Assim, nosso trabalho encontra-se dividido em cinco sessões: a primeira aborda as estratégias discursivas, a segunda versa sobre o fenômeno da *patemização* enquanto estratégia

---

discursiva, a terceira traz a definição de gênero, a quarta a análise do *corpus*, e, por fim, a quinta apresenta as considerações finais, sendo seguida pelas referências bibliográficas.

### **Era uma vez... As estratégias comunicativas**

A Semiolinguística utiliza o termo *mise en scène* para mostrar que o ato de linguagem é, na verdade, uma encenação comandada pelos sujeitos. A terminologia utilizada por Charaudeau é bastante propícia, já que os atos de fala, de todos nós, envolvem um lado teatral.

Percebemos que os sujeitos que interagem, na *mise en scène* do discurso, atuam por meio de estratégias discursivas que são utilizadas em um jogo entre o dizer e o fazer, sendo regidos por um contrato comunicacional. Assim, os sujeitos fazem uso de estratégias comunicativas, para conquistarem o direito à fala enquanto sujeitos comunicantes, utilizando estratégias de legitimação, credibilidade e captação.

A estratégia de legitimação consiste em comprovar que a fala do enunciador é legítima. Dessa forma, o sujeito quando comunica precisa confirmar que o seu discurso é justificável. Para que isso ocorra, ele deve ocupar uma posição que reafirme o seu dizer. A legitimação é definida por Charaudeau; Maingueneau (2016) da seguinte maneira:

em análise do discurso, a noção de legitimação pode ser utilizada para significar que o sujeito falante entra em um processo de discurso, que deve conduzir a que reconheça que tem direito à palavra e legitimidade para dizer o que diz. (p.295)

A estratégia de credibilidade é utilizada, a fim de fazer com que o interlocutor creia no discurso proferido pelo locutor. Charaudeau; Maingueneau (2016, p.143) estabelecem a credibilidade como “uma noção que define o caráter de veracidade dos propósitos de uma pessoa”. O sujeito falante, portanto, precisa defender a imagem que ele construiu de si mesmo, mostrando, por meio de seu discurso, que é sincero. Dessa maneira, ele pode utilizar três atitudes enunciativas, a fim de obter a credibilidade: neutralidade, distanciamento ou engajamento. Vejamos cada uma delas a seguir:

- 
- Neutralidade: há o apagamento de qualquer vestígio de julgamento ou avaliação pessoal. Uma testemunha de crime ao dar o seu relato a um juiz, por exemplo.
  - Distanciamento: o sujeito analisa o fato, mas de uma maneira distante, controlada. Um aluno de mestrado ao defender a sua pesquisa para uma banca avaliadora, por exemplo.
  - Engajamento: o sujeito toma uma posição acerca do que é discursado. Um militante ao defender suas ideias e posições políticas, por exemplo.

E, por fim, a estratégia de captação surge da necessidade do sujeito falante em assegurar que o seu parceiro na troca linguageira compartilhe das mesmas ideias, opiniões ou esteja impressionado com o seu projeto de fala. A captação é apresentada por Charaudeau; Maingueneau (2016) da seguinte maneira:

As estratégias de captação visam a seduzir ou a persuadir o parceiro da troca comunicativa, de tal modo que ele termine por entrar no universo do pensamento que é o ato de comunicação e assim partilhe a intencionalidade, os valores e as emoções dos quais esse ato é portador. (p.93)

Há também a utilização de três atitudes discursivas, a fim de captar o interlocutor: polêmica, sedução ou dramatização. Vejamos cada uma delas a seguir:

- Atitude polêmica: o locutor questiona possíveis objeções que o interlocutor faça.
- Atitude de sedução: o locutor constrói uma imagem de si como um benfeitor para o seu interlocutor.
- Atitude de dramatização: o locutor compartilha fatos de sua vida, envolvendo o interlocutor por meio de emoções.

Podemos dizer que comunicar é um jogo que demanda de seus jogadores o uso de artifícios para saírem vitoriosos. Então, as três estratégias podem ser utilizadas durante

---

o ato comunicacional pelo falante, a fim de confirmar e manter o seu direito à fala, ganhando, assim, o jogo da comunicação.

O discurso produzido em contos de fadas busca, muitas vezes, captar o interlocutor por meio da emoção, por isso consideramos, também, o fenômeno da patemização como uma estratégia discursiva.

### **Era uma vez... A patemização como estratégia discursiva**

A comunicação entre os seres humanos pode ocorrer por meio de múltiplas linguagens (verbal, imagética, gestual, etc.), contudo, a linguagem verbal é a mais frequente nas trocas comunicativas. No entanto, o ato de comunicar-se não se dá por meio das palavras em “estado bruto”, já que essas não são passíveis de afetar nossos sentimentos, provocando reações. Assim, para que elas se tornem significativas é necessário que estejam inseridas no discurso.

Pensamos o discurso como um evento comunicativo protagonizado por sujeitos que interagem em uma dada situação, a fim de falarem sobre o mundo, recriando-o discursivamente.

A teoria retórica de Aristóteles é considerada fundamental para os estudos do discurso argumentativo e persuasivo, tendo sido recuperada por vários estudiosos do discurso, dentre eles Charaudeau.

A Retórica pode ser considerada como a arte do convencimento, da eloquência e do bom uso da palavra. Ela foi dividida em três pilares: *ethos*, *logos* e *pathos*. Em linhas gerais, o *ethos* está relacionado à forma como o orador se promove no discurso, ou seja, ao dirigir-se a uma plateia, ele deverá construir uma imagem de si que agrade aos seus ouvintes. Já o *logos* está relacionado à construção lógica do discurso. Para Aristóteles, o discurso não será convincente se o orador não demonstrar lógica no que diz. Por último, o *pathos* está relacionado à capacidade do orador de, por meio do discurso, provocar emoções no seu auditório.

Pela perspectiva de uma análise do discurso, o estudo das emoções não pode ser realizado a partir do que os sujeitos sentem, mas do que a linguagem carrega em si. Assim, o estudo das emoções, feito por um analista do discurso, não analisará a emoção enquanto fenômeno fisiológico e/ou psíquico. Muito menos, fará uma análise focalizando a

---

expressão da coletividade, já que não se trata de um estudo sociológico. De acordo com Charaudeau (2007),

o objeto de estudo da análise do discurso não pode ser aquilo que os sujeitos efetivamente sentem (o que é vivenciar a cólera), nem aquilo que os motiva a querer vivenciar ou agir (porque ou em que ocasião se vivencia a cólera), tampouco as normas gerais que regulam as relações sociais e se constituem em categorias que sobredeterminam o comportamento dos grupos sociais. A análise do discurso tem por objetivo de estudo a linguagem em uma relação de troca, visto que ela é portadora de algo que está além dela. (s/p)

Desse modo, o teórico realiza um estudo discursivo acerca das emoções, enfatizando três pontos que considera essencial: 1) as emoções são de ordem intencional; 2) as emoções estão relacionadas aos saberes de crença que os indivíduos possuem; 3) as emoções se inscrevem na problemática da representação psicossocial.

As emoções são de ordem intencional, pois advém de uma *racionalidade subjetiva*. Desse modo, não podemos pensar as emoções apenas como pulsões ou sensações, tendo em vista que há uma relação entre os processos emocionais e os racionais. A racionalidade, portanto, está a serviço de um agir para alcançar algo (não necessariamente alcançado), cujo agente seria o primeiro beneficiário. Logo, ela compreenderia uma *visada acional*. Essa visada acional é movida por um *desejo desencadeador*, uma busca por algo, por parte de um sujeito racionalizante. Ademais, a racionalidade é subjetiva, uma vez que o desejo desencadeado é da ordem do universo afetivo.

As emoções estão relacionadas aos saberes de crença que os indivíduos possuem. Quando o sujeito vivencia ou exprime uma emoção, não basta ter acesso à informação que represente a realidade que o cerca; é necessário que haja, por parte do sujeito, uma avaliação da realidade, uma tomada de posição em face a essa realidade e, por fim, a construção de uma relação com a realidade circundante.

A tomada de posição é estabelecida por meio dos saberes de crença que são provenientes de uma avaliação axiológica feita pelo homem a respeito dos fatos, sendo, então, construídos a partir de um juízo de valor. Para Charaudeau (2007), as emoções e

---

as crenças são congregadas, assim, a modificação de uma crença pode modificar ou apagar uma emoção e a modificação da emoção pode evidenciar o deslocamento de uma crença.

Por fim, as emoções se inscrevem na problemática da representação psicossocial, já que são estados mentais intencionais que se sustentam em crenças. De acordo com Charaudeau (2007), a representação procede um duplo movimento: de simbolização e de autoapresentação. A simbolização é o processo no qual os objetos do mundo são compreendidos pelo indivíduo por meio de um código semiológico. Já a autoapresentação é o processo no qual a simbolização construída pelo indivíduo retorna a ele, tornando-se o meio pelo qual ele define o mundo e a sua própria identidade.

Para Charaudeau (2015), “o homem tem tanta necessidade da realidade para significá-la quanto a realidade tem necessidade do homem para ser significada” (p.190). O homem, ao habitar o mundo e partilhá-lo com os outros, participa de um jogo de olhares e percepções. Dessa forma, ele é objeto do olhar do outro, ao mesmo tempo em que faz do outro seu objeto. Esse jogo é guiado pelas representações sociais que permitem ao homem nomear, definir e interpretar aspectos da realidade, além de tomar decisões e posicionar-se face a ela. Segundo o teórico (2015),

representações constituem maneiras de ver (discriminar e classificar) e de julgar (atribuir um valor) o mundo, mediante discursos que engendram saberes, sendo que é com esses últimos que se elaboram sistemas de pensamento, misturas de conhecimento, de julgamentos e de afeto. (p. 197)

O estudo das emoções enquanto um fenômeno linguístico-discursivo pensa a emoção como um *efeito visado* (ou suposto), já que não há como se ter garantias sobre o efeito produzido. Assim, há sempre uma perspectiva de efeito. Por esse motivo, Charaudeau adota os termos “*pathos*”, “*patêmico*” e “*patemização*” no lugar de emoção, uma vez que o foco de sua análise não é o sentimento provocado, mas a possibilidade de desencadeamento de emoções, por meio do discurso, o que insere a análise do discurso das emoções em uma perspectiva aristotélica.

Podemos, então, pensar a *patemização* como uma estratégia linguístico-discursiva, cuja finalidade é captar o interlocutor, por meio da emoção. Segundo

---

Charaudeau (2007), para detectarmos os efeitos patêmicos, devemos ter como base a seguinte trilogia: situação de comunicação, universos de saber partilhado e estratégia enunciativa.

A situação de comunicação é capaz de produzir efeitos patêmicos diversos em um mesmo ato de comunicação. Ao pensarmos, por exemplo, em um enunciado produzido no filme “A pequena Sereia” pela actante Úrsula: “Se a mulher fica falando o dia inteiro fofocando, o homem se zanga, diz adeus e vai embora”, variados efeitos patêmicos são suscetíveis de serem produzidos como: de indignação, caso o interlocutor não concorde com o enunciado e o julgue como machista, já que há uma clara tentativa de subjugação feminina; de apreciação, caso o interlocutor concorde com o enunciado e o julgue como uma afirmação correta no que tange ao comportamento feminino.

Além da situação de comunicação, Charaudeau fala sobre os universos de saber partilhados. Para ilustrar esse fenômeno, pensemos no enunciado produzido no parágrafo anterior. Seus efeitos não serão, provavelmente, os mesmos entre homens e mulheres. O enunciado é dirigido diretamente às mulheres, dando “dicas” de como uma mulher deve se comportar para que o homem não a deixe. A figura feminina é colocada em posição inferior à da masculina. Assim, o enunciado pode provocar sentimentos de repulsa e indignação entre as mulheres. Para os homens, esse enunciado pode produzir o efeito de bem-estar, contentamento, já que ele compactua para a perpetuação da dominância masculina.

Ademais, Charaudeau postula a estratégia enunciativa como uma das marcas da *patemização*. Para ele, o efeito patêmico é obtido pelo emprego de certas palavras que podem pertencer direta ou indiretamente a um universo emocional ou por vocábulos que não descrevem as emoções de forma transparente. A patemização, portanto, é uma estratégia discursiva inserida no universo da pretensão, já que é pretendida, mas não, necessariamente, alcançada.

Para identificarmos os efeitos patêmicos, é necessário analisarmos a construção discursiva, quais as visadas foram intencionadas e quais inferências são passíveis de serem produzidas. Alguns dispositivos comunicativos são mais predispostos ao surgimento dos efeitos patêmicos do que outros. Charaudeau (2007) aponta o fato de que

---

quando o dispositivo não se predispõe, é porque a finalidade comunicativa se encontra sob a forte dominante de *credibilidade* e que os parceiros estão colocados “à distância” de saberes de verdade; quando o dispositivo se predispõe, é porque a finalidade se encontra sob a forte dominante *captadora* e que os parceiros estão “envolvidos” nos saberes de crença. (s/p)

Na tentativa de categorizar esses efeitos patêmicos, Charaudeau (2007) estabeleceu o que denominou de “tópicas do pathos”. Sendo elas: tópica da “dor” e seu oposto, a alegria; tópica da “angústia” e seu oposto, a “esperança”; tópica da “antipatia” e seu oposto, a “simpatia”; tópica da “atração” e seu oposto, a “repulsa”.

### **Era uma vez ... Os papéis de gênero**

O capitalismo, ao se consolidar, trouxe a ideia de uma divisão entre as esferas pública e privada, onde a esfera pública pertencia aos homens e a esfera privada às mulheres. Logo, o privado era o espaço do doméstico, da subjetividade e do cuidado.

Essa compreensão designa à mulher o papel feminino tradicional de mãe, esposa, cuidadora do lar e da família. Portanto, a mulher deve ser dotada de qualidades como meiga, atenciosa, maternal, frágil, emotiva, etc. Essas ideias são perpetuadas e justificadas como naturais, ou seja, as mulheres já nascem desse jeito. Para Chauí (1984), o estabelecimento de características “masculinas” e “femininas” é responsável por reprimir a sexualidade dos indivíduos, já que tudo o que foge dessa dicotomia é censurado.

A naturalização dos papéis de gênero é construída a partir de ideologias dominantes, como assinalam Faria; Nobre (1997):

a naturalização dos papéis e das relações de gênero faz parte de uma ideologia que tenta fazer crer que esta realidade é fruto da biologia, de uma essência masculina e feminina, como se homens e mulheres já nascessem assim. Ora, o que é ser mulher e ser homem não é fruto da natureza, mas da forma como as pessoas vão aprendendo a ser, em uma determinada sociedade, em um determinado momento histórico. (p. 12)

Dessa forma, o “ser mulher” e o “ser homem” determinam as diversas relações sociais ao longo do tempo.

---

O cinema de animação, nas sociedades ocidentais, é pensado para crianças e adolescentes. A Walt Disney, como uma empresa produtora desse gênero, produz filmes tendo como seu público-alvo crianças e adolescentes. Os filmes produzidos acompanham o momento histórico de cada sociedade. Dessa forma, o casamento, os papéis de gênero, a concepção de família, etc. são apresentados ao público por intermédio das ideologias dominantes.

A animação *A Pequena Sereia* trouxe ao público, no fim da década de 80, uma princesa rebelde, aventureira, questionadora, determinada que lutava contra todos os obstáculos em prol de seu grande amor. Fora das telas, as mulheres ocupavam o mercado de trabalho de forma significativa e a configuração familiar sofria alterações, tendo em vista que muitas mulheres passaram a assumir o papel de provedora financeira em muitos lares. Assim, as animações precisavam modificar as características atreladas ao gênero feminino. Iniciava-se, então, uma nova sucessão de princesas: Bela (*A Bela e a Fera* - 1991), Jasmine (*Alladin* - 1992), Pocahontas (*Pocahontas* - 1995), Mulan (*Mulan* - 1998).

Apesar de Ariel possuir características que as diferenciava das princesas que a precederam - Branca de Neve, Cinderela e Aurora -, não houve na narrativa grandes modificações no que tange ao lugar social ocupado pelas mulheres. Ariel, ainda, encontrava-se inserida em um modelo social patriarcal, no qual o pai é o detentor do poder social e familiar. Assim, ela deveria seguir as ordens impostas pelo seu pai e, posteriormente, por seu marido, já que “para a mulher (sempre supondo que ela não trabalhe evidentemente), o contrato de casamento pressupõe um contrato anterior: o que criou sua própria família, no contrato de seu pai e de sua mãe” (CHAUI, 1984, p. 144). Portanto, a narrativa apresentou um modelo de “ser mulher” no qual há uma relação de poder e submissão do masculino sobre o feminino.

A animação *Moana - um mar de aventuras* é um filme que foi produzido recentemente pela Disney. Ele chegou à tela dos cinemas em 2016, causando um verdadeiro alvoroço no público e nos meios de comunicação. Vários sites apontavam Moana como uma princesa feminista. A narrativa também apresentou uma mulher forte, determinada, questionadora e que lutava para salvar a sua aldeia. Tais características coadunam com o momento histórico no qual estamos inseridos, onde movimentos de

---

empoderamento feminino surgem a cada dia com mais força. Assim, acreditamos que tais fatores foram os responsáveis por darem à Moana o “título” de feminista em alguns meios de comunicação.

No entanto, acreditamos que caracterizá-la desse modo incorre em erro. Embora Moana seja a sucessora do Chefe Tui Waialki e, conseqüentemente, assuma o cargo de chefe da aldeia, Motonui ainda apresenta a concepção patriarcal de família, onde o pai é o detentor do poder social e familiar. Ademais, a figura de Maui é responsável por representar a força e a segurança nos momentos de maior dificuldade enfrentados por Moana ao longo da narrativa. Por mais que a Disney tenha inovado, eliminando a figura do príncipe encantado, a representação do masculino enquanto elemento salvador ainda está presente.

Além disso, não podemos esquecer que, embora tenhamos um grande avanço no que se refere aos direitos femininos, ainda vivemos em uma sociedade cuja lógica burguesa é a dominante. Desse modo, os objetos culturais presentes em nossa sociedade representam e difundem essas ideologias.

### **Era uma vez ... Análise do *corpus***

A análise deste trabalho parte dos enunciados verbais produzidos pelas actantes Ariel e Moana. Vejamos, então, o diálogo entre Ariel e o Rei Tritão:

(*Rei Tritão*) – O contato dos humanos com os seres do mar é estritamente proibido. Você sabe disto! Todos aqui sabem!

(*Ariel*) – **Ele iria morrer!**

(*Rei Tritão*) – Um humano a menos para nos preocupar.

(*Ariel*) – O senhor nem o conhece.

(*Rei Tritão*) – Conhecê-lo? Não preciso conhecê-lo! São todos iguais! Covardes, selvagens, devoradores de peixes! Incapazes do menor sentimento.

(*Ariel*) – **Papai, eu o amo!**

Quadro 1: Exemplo de *patemização* em A pequena sereia

Fonte: Transcrição nossa.

---

No trecho acima, o rei Tritão acaba de descobrir que a sua filha, Ariel, salvou um humano que se afogava. No entanto, pelas leis determinadas pelo rei, os seres do mar são proibidos de manterem contato com os humanos. A partir disso, inicia-se uma discussão entre pai e filha.

Ariel, ao tomar a palavra, tenta convencer Tritão de que suas ações foram corretas. Para isso, ela produz enunciados como: “Ele iria morrer” e “Papai, eu o amo!”. Ambos apresentam uma estratégia de dramatização, no qual há a tentativa de captação por meio da emoção.

Em “Ele iria morrer”, a locutora utiliza a locução verbal “iria morrer”, visando provocar a comoção em seu interlocutor, já que o vocábulo “morrer” carrega em si uma carga dramática. Assim, há a tentativa de acionar emoções como a compaixão, a solidariedade, a clemência. A sereia utiliza a “tópica da dor”, para colocar Erick, o humano salvo por ela, em uma posição de vítima, procurando, portanto, demonstrar que a ação praticada por ela foi correta.

O mesmo ocorre com o enunciado “Eu o amo”. Ariel tenta persuadir o pai por meio de um discurso baseado em seus sentimentos. Com isso, ela tenta ativar a tópica da simpatia em seu pai, para que, assim, ele consiga compreender que as ações realizadas por ela foram conduzidas por algo maior, o amor.

Vejamos, agora, uma fala de Moana dirigida a Maui:

<p>(<i>Moana</i>) – Se não quiser falar, não fale. Se quiser me jogar do barco, jogue-me. Quer me dizer que não sei o que estou fazendo? Sei que não sei! Não faço ideia do motivo de o oceano ter me escolhido. Você está certo. <b>Mas a minha ilha está morrendo. Então, eu estou aqui. Somos só eu e você. E quero ajudar. Mas não posso... se você não permite.</b></p>
--

Quadro 2: Exemplo de *patemização* em Moana – um mar de aventuras

Fonte: Transcrição nossa.

No trecho acima, Moana está conversando com Maui e deseja saber como ele consegue as tatuagens que aparecem em seu corpo. Contudo, o semideus não deseja continuar a conversa com a garota e pede para que ela se afaste.

---

Assim, Moana, ao tomar a palavra, tenta convencê-lo a ajudá-la. Para isso, ela produz enunciados como: “Mas a minha ilha está morrendo. Então, eu estou aqui. Somos só eu e você. E quero ajudar. Mas não posso... se você não permite.” A actante, assim como Ariel, utiliza-se da estratégia de dramatização, tentando captar o interlocutor por meio da emoção.

Ao formular, “Mas a minha ilha está morrendo”, a locutora utiliza a locução verbal “está morrendo”, visando provocar a comoção em seu interlocutor. O vocábulo morrer é, novamente, usado, trazendo uma carga dramática para o discurso. Desse modo, há a tentativa de acionar emoções como a compaixão e a solidariedade. Moana, do mesmo modo que Ariel, utiliza a “tópica da dor” a fim de demonstrar que ela e os habitantes que vivem em Motonui estão sofrendo, procurando, assim, obter a compaixão de Maui.

A fala de Moana segue com os seguintes enunciados: “Então, eu estou aqui. Somos só eu e você. E quero ajudar. Mas não posso... se você não permite”. O uso do advérbio “aqui” serve para enfatizar a presença de Moana. Já o advérbio “só” acentua o fato de que naquele lugar não há mais ninguém além dos dois. Os enunciados que aparecem na sequência com os verbos “ajudar”, “poder” e “permitir” buscam ativar a tópica da simpatia, já que Moana constrói uma imagem de si como alguém benevolente, solidária, dócil, etc. Dessa forma, a actante pretende despertar a simpatia de Maui para que assim ele adira ao seu projeto de salvar Motonui.

Percebemos, portanto, que os atos comunicativos cuja actante é a personificação do gênero feminino, há uma certa tendência em construir um discurso no qual a emoção seja a propulsora das ações realizadas pelo sujeito. Isso nos leva a pensar se as estratégias enunciativas adotadas não são baseadas em percepções solidificadas socialmente de que as mulheres, por muitas vezes serem consideradas o sexo frágil, precisam apelar para o lado sentimental, para que, assim, consigam atingir o seu interlocutor.

### **Conclusões finais**

O presente artigo objetivou analisar o fenômeno da *patemização*, a fim de identificar quais estratégias discursivas foram utilizadas pelas actantes Ariel e Moana. Desse modo, buscamos perceber como escolhas linguístico-discursivas podem reproduzir, ou não, representações de gênero já solidificadas em nossa sociedade.

---

Os filmes, cujos diálogos foram selecionados, apresentam uma diferença cronológica de 27 anos. Contudo, as estratégias discursivas utilizadas pelas actantes são semelhantes. Tanto Ariel quanto Moana utilizam-se da tópica da dor e da tópica da simpatia para atingirem aos seus interlocutores. Ariel, ao buscar a adesão de seu pai ao seu projeto de fala, tenta convencê-lo de que ama um humano e, portanto, as suas ações são corretas, pois é o amor que a move. Já Moana busca a adesão de Maui ao seu projeto de fala. Para isso, ela mostra-se empática a ele a fim de que ele seja empático a ela e, conseqüentemente, ajude Motonui.

Ambas as estratégias apresentam alta carga de dramaticidade. Percebemos, portanto, que as escolhas linguístico-discursivas, realizadas pelas actantes, corroboram para a manutenção de estereótipos cristalizados, em nossa sociedade, no que tange ao gênero feminino.

Assim, as duas actantes, que personificam a figura feminina, buscam alcançar a adesão de seus interlocutores por intermédio de um discurso carregado de subjetividade. Desse modo, há a construção de uma fala dócil e mansa. Tal fato nos confirma que, por meio de imaginários sociais consolidados, há um continuísmo na perpetuação de padrões comportamentais referentes às mulheres.

## REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. 2.ed., 3ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2016 A.

-----, MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2016 B.

-----, *Discurso político*, 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

-----, A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, E. e MACHADO, I.L. (orgs.). *As emoções no discurso*. Campinas: Mercado Letras, 2007.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual essa nossa (des) conhecida*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos*. São Paulo: DCI, 2003.

FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam. *Gênero e Desigualdade*. São Paulo: SOF, 1997.

---

MIRA, RITA. *O arquétipo da princesa na construção social da feminilidade*. Lisboa: Edições Colibri, 2017.

### **FILMOGRAFIA**

A PEQUENA SEREIA. Direção de Ron Clements e John Musker. Filme do Walt Disney Animation Studios. Estados Unidos da América: 1989. Manaus: Rimo Entertainment, 1989. Versão restaurada digitalmente, 2013. [DVD]. (83 minutos), colorido.

MOANA – UM MAR DE AVENTURAS. Direção Ron Clements e John Musker. Filme do Walt Disney Animation Studios. Estados Unidos da América: 2016. Manaus: Sonopress-Rimo, 2016. Versão digital, 2016. [DVD]. (107 minutos), colorido.